



PSICANÁLISE

Wilfred R. Bion

Seminários na Clínica Tavistock

Blucher

KARNAC

SEMINÁRIOS NA
CLÍNICA TAVISTOCK

Wilfred R. Bion

Editado por
Francesca Bion

Tradução
Paulo Cesar Sandler

Authorised translation from the English language edition published by Karnac Books Ltd.

Seminários na Clínica Tavistock

Título original: *The Tavistock Seminars*

© 1990 W. R. Bion, The Estate of W. R. Bion

© 2017 Editora Edgard Blücher Ltda.

Equipe Karnac Books

Editor-assistente para o Brasil Paulo Cesar Sandler

Coordenador de traduções Vasco Moscovici da Cruz

Revisora gramatical Beatriz Aratangy Berger

Conselho consultivo Nilde Parada Franch, Maria Cristina Gil Auge, Rogério N.

Coelho de Souza, Eduardo Boralli Rocha

Os direitos de W. R. Bion como autor desta obra foram acordados segundo os parágrafos 77 e 78 do Copyright Design and Patents Act de 1988.

A editora e o tradutor agradecem pelos rascunhos anteriores, preparados por Vasco Moscovici da Cruz e Estanislau Alves da Silva Filho. As notas para a versão brasileira foram autorizadas pela editora, Francesca Bion.

Apesar de a editora ter feito todos os esforços possíveis, não conseguiu determinar se alguma instituição ou indivíduo detém, ou teria detido, direitos autorais relativos ao Apêndice B – “Entrevista com Anthony G. Banet Jr” – publicado pela primeira vez por University Associates Inc, em *Group & Organization Studies* (Vol. 1, n. 3, setembro de 1976, pp. 268-285). A editora e também The Estate of Wilfred R. Bion ficarão gratos por alguma informação a respeito, para que próximas edições incluam reconhecimentos completos.

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

FICHA CATALOGráfICA

Bion, Wilfred R. (Wilfred Ruprecht), 1897-1979

Seminários na Clínica Tavistock / Wilfred R. Bion ; tradução de Paulo Cesar Sandler. – São Paulo : Blucher, 2017.

176 p.

ISBN 978-85-212-1100-6

Título original: *The Tavistock Seminars*

1. Psicanálise I. Título. II. Sandler, Paulo Cesar.

16-0986

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:
1. Psicanálise

Conteúdo

Seminários na Clínica Tavistock	7
PRIMEIRO SEMINÁRIO 1976	
28 de junho	9
SEGUNDO SEMINÁRIO 1977	
4 de julho	25
TERCEIRO SEMINÁRIO 1977	
5 de julho	47
QUARTO SEMINÁRIO 1978	
3 de julho	61
QUINTO SEMINÁRIO 1978	
4 de julho	79
SEXTO SEMINÁRIO 1978	
5 de julho	85

SÉTIMO SEMINÁRIO 1979	
27 de março	107
OITAVO SEMINÁRIO 1979	
28 de março	125
APÊNDICE A	
Extraído de <i>Verdades Básicas</i> , por Charles Péguy	137
APÊNDICE B	
Entrevista com Anthony G. Banet Jr.	141
Índice remissivo	165

Seminários na Clínica Tavistock

Passamos as temporadas de verão, em 1976, 1977 e 1978, em três países europeus: Inglaterra, Itália e França. 1979, marcando o final dos doze anos de nossa estadia na Califórnia, possibilitou-nos visitar Londres em duas ocasiões: março e setembro. Períodos nos quais Bion foi convidado para ministrar catorze seminários, pela diretoria da Clínica Tavistock. Tempos depois, vieram à tona poucas gravações destes seminários em vídeo; infelizmente, de qualidade variável. Apesar destas limitações, mostram imagem clara dos principais temas, e também áreas em psicanálise, importantes para Bion nestes últimos anos de sua vida.

Transferir gravações de palavras para textos impressos não se constitui como processo simples; especialmente quando o orador se expressa de improviso – como Bion sempre fez. Faz-se necessário manter um foco que transmita o estilo e as características pessoais manifestadas nos trabalhos escritos pelo mesmo

orador. Minhas alterações, sem exceção, ficam em conformidade com tal objetivo.

Francesca Bion

PRIMEIRO SEMINÁRIO 1976

28 de junho

[O vídeo mostra o vestuário utilizado por Bion neste ano, marcado por número recorde de secas e ondas de calor; substituiu suas costumeiras camisa de mangas compridas, gravata borboleta e paletó por camisas de mangas curtas, abertas no pescoço.]

Bion: Levei muito tempo para me dar conta de que se submeter a uma psicanálise constitui experiência realmente traumática. A recuperação demanda muito tempo. Em medicina, normalmente se passa por um período de convalescença; se houver sorte, espera-se colher algum benefício daquilo que é um impingir de violência física. Apresentaram-me uma concepção: psicanálise não faz esse tipo de violência – e, gradualmente, no decorrer do tempo, incrementa-se a melhora. No entanto, não me parece que tal ideia seja plenamente adequada. Apareceu há muito tempo, antes que eu pudesse sentir “onde” se encontraria tal violência. Que tipo de nicho ocupava no peculiar universo, ou domínio, que chamamos “psicanálise” – por falta de melhor palavra. Não posso dizer que

tenha ido longe nessa linha de pensamento. Parte da dificuldade se deve ao fato de tomarmos de empréstimo muitas terminologias para fazermos uma tentativa em formular nossa própria linguagem. Advindas de ciências, religiões e atividades estéticas, o empréstimo tornou-se necessário por inexistir linguagem adequada para o domínio extraordinário, “psicanálise”. No entanto, estou convencido de que *existe* tal domínio; realmente, é razoável que o chamemos de mente; ou caráter; ou personalidade. No entanto, há um problema: temos que usar uma moeda corrompida, uma linguagem cujo alcance foi perdido. Em grande parte, perdeu a essência – considerando-se nossa necessidade, a de que precisamos fazer um uso muito específico dessa linguagem.

Freud descreveu uma situação de sofrimento: amnésia. Uma lacuna, um espaço onde deveria haver algum tipo de memória – a pessoa passa a preencher tal lacuna com paramnésias. Um tipo de ideia lucrativa, de bom funcionamento. No entanto, à medida que vamos nos acostumando a ouvir a respeito de psicoterapias e de psicanálise, questiona-se sobre a possível existência de ainda outra grande lacuna – não se trata de amnésia. Devido à enorme imprecisão no vocabulário, sequer sabemos como denominar essa outra lacuna. De qualquer forma, quando ficamos perdidos, inventamos alguma coisa para preencher o vácuo de nossa ignorância – uma área enorme, na qual precisamos nos mover: a da ausência do conhecer. Quanto mais assustadora fica a lacuna, mais terrificante será perceber o quanto somos ignorantes; mesmo quando se requer algo simples, elementar para sobrevivência, haverá enorme pressão, externa e interna, para preencher-se a lacuna. Pode-se fazer isso perfeitamente bem – pode-se multiplicar teorias, em arte e religião. A única coisa necessária, quando se está totalmente perdido, é perguntar a si mesmo o que ocorre consigo, individualmente; qualquer um agradecerá ao se engrenar a um sistema qualquer, ou conseguir agarrar-se a seja lá o que estiver disponível para cons-

truir um tipo de estrutura. A partir desse ponto de vista, parece-me possível argumentar de que o todo da psicanálise preenche um desejo há muito sentido, de ser um vasto sistema Dionisíaco. Quando não sabemos o que ocorre, inventamos essas teorias. Construimos gloriosa estrutura, totalmente isenta de fundamento na realidade – a única realidade com algum fundamento é a realidade da nossa completa ignorância; de nossa falta de capacidade.

No entanto, esperamos que isso não esteja desconectado do fato de que teorias psicanalíticas poderiam lembrar-nos da vida real, em algum instante. Como bons romances e boas peças de teatro nos recordam a respeito de como nós, seres humanos, nos comportamos. Leonardo possuía uma capacidade: desenhar algo que nos lembra da aparência dos seres humanos. Caso observemos os cadernos desenhados por Leonardo, poderemos ver esboços sobre cabelos, ou sobre águas turbulentas: tentativas de representação estética do mesmo tipo de turbulência à qual me refiro.

Sem perder tudo isso de nossas vistas – os fatos sobre nossa ignorância e de que temos de tentar fazer incursões no universo em que vivemos através destes vários métodos – científicos, religiosos, artísticos – poderemos continuar multiplicando o número de abordagens que fazemos individualmente. Constituiremos desse modo nossa pequena contribuição individual para arranhar um espaço, por menor que seja, no enorme material que desconhecemos.

Faço a hipótese de que houve permissão para biólogos, e outros, falarem sobre o sexo. No entanto, lembremo-nos do furor causado pela sugestão, através de Freud, sobre a enorme parte desempenhada pelo sexo. O próprio fato de que Freud tenha sido capaz de fazer tal sugestão teve um efeito: pudemos ver que a maior parte do desenvolvimento da psicanálise foi feito em termos de efeitos biológicos. Este modo de ver mostrou-se adequado para Mendel,

cujo trabalho promulgou leis de hereditariedade – uma questão de tautologia: hoje em dia, falamos de uma “herança mendeliana”. No entanto, penso que nos encontramos em uma situação um tanto difícil quando supomos que existe algo que denominamos, mente; supomos que todos nós possuímos uma mente, ou alma, ou psique, ou qualquer outro nome que se lhe dê – temos que falar desse modo por falta de vocabulário mais adequado. A partir do momento em que possamos reconhecer tal situação, perceberemos haver uma lacuna, não totalmente vazia. Empréstimos da biologia falham, quando consideramos questões da mente e de transmissão de ideias. Precisamos acrescentar algo além da herança biológica, esse mito mendeliano de propagação aplicado ao mundo das ideias, no qual transmite-se características de uma geração para a seguinte; ou para gerações subseqüentes. Poderíamos dizer que há genótipos – herança genética – e também fenótipos – transmissão das aparências. Ensinaram-me a crer que características adquiridas não seriam transmissíveis; em outras palavras, que as características genéticas, mendelianas, seriam as únicas passíveis de transmissão. Não penso que assim seja, nem mesmo de modo mínimo; penso haver, inequivocamente, um modo para transmitir-se *ideias*. Um indivíduo gera, por assim dizer, para outro indivíduo, que agora abriga sinais ou sintomas destes fenômas – estou inventando uma palavra para descrever as partículas transmitidas, e que continuam a ser transmitidas: pode-se imaginar uma situação tal, em que uma nação inglesa, afetada por Shakespeare, obtém características transmitidas, de algum modo – não de formas óbvias, por livros e similares, como se poderia supor. Recordo-me de John Rickman, relatando sobre sua experiência na estação ferroviária em Nova Iorque. Um soldado se aproximou, dizendo: “O senhor esteve em Northfield, não é?”. Frente à resposta afirmativa de Rickman, o soldado replicou: “Para mim, foi a experiência mais extraordinária que tive – era igual a estarmos em uma uni-

versidade”. Até o ponto que soubéssemos, tratava-se de alguém desesperançado em chegar a uma universidade – em função de condições culturais, educacionais e financeiras; todas elas, desfavoráveis. Aquela experiência, provavelmente, foi sua única oportunidade em termos de formação. Por motivos desconhecidos para mim, dentre todos que estiveram em Northfield,¹ foi apenas para essa pessoa na qual transmitiu-se essa ideia que mudou sua postura na vida – certamente soou como se tivesse mudado. O que quer que tenha acontecido aos mimados de minha geração em Oxford e Cambridge, permitira que pudessem passar pela universidade sem ter a menor ideia do que era, realmente, uma universidade. Mas um homem, que sequer teve a possibilidade de saber o que era uma universidade, quase certamente o sabia. Somos levados a supor que algo aconteceu a um indivíduo; na sequência, esse “algo” foi transmitido em outro lugar; mas as leis da herança mendeliana não se aplicam a isso – outras leis, sim, como a dos fenótipos e fenómas.

Em psicanálise, pode-se ver isso de modo íntimo e detalhado. No entanto, não estou certo de que incrementos na profundidade de observação – algo possível quando se está intimamente em contato com outra pessoa – dir-nos-á muito sobre essa outra forma de transmissão. Realmente, fica muito difícil saber qual efeito teria uma análise sobre um indivíduo. Algumas pessoas certamente parecem capazes de levar a experiência a um bom fim. No entanto, penso que, em muitos casos, trata-se de algo puramente efêmero –

1 *Experiences in groups*, lançado pela primeira vez em 1961, por Tavistock Publications, e reimpresso muitas vezes, por Karnac Books. Refere-se ao tempo (cerca de três meses) que originou o trabalho hoje conhecido como Dinâmica de Grupos, descoberto por W. R. Bion, em conjunto com John Rickman: uma aplicação das teorias de Freud e Melanie Klein ao comportamento de pequenos grupos, em interação com o macrogrupo circundante. [N.T.]

parece que ocorre uma “cura”. Podemos usar este termo, “cura”, mas não possui realidade duradoura, nem qualquer significado particular – em contraste com as características básicas e fundamentais transmitidas de acordo com as leis de Mendel. Poderíamos dizer: “A Amostra A é um ser humano; a Amostra B é um tigre, um gato, ou uma ovelha”. Parecem existir certos aspectos fundamentais que seguem leis de herança mendeliana. As outras leis (se é que existe alguma) ainda precisam ser descobertas. Tomando-se um grupo de pessoas – como, por exemplo, aquelas em Northfield – poder-se-ia detectar, através do tempo, qual tipo de percurso teria seguido uma ideia, por alguém que pareceria ser parte do pensar. Em função disto, pessoas que observam grupos podem ter a oportunidade de ver alguma forma desse tipo de herança.

Voltando ao ponto de vista psicanalítico: é útil falar sobre “transferência” e “contratransferência”. Ou, como colocou Winnicott, sobre um objeto transicional; que está em transição, na passagem de sabe Deus onde, para sabe Deus o quê; do esquecimento à amnésia – aquele pedacinho entre eles que poderia ser preenchido dizendo “relação transferencial” e “contratransferencial”; mas penso que terá de ser preenchido com algo além disso. Pois não se pode determinar com facilidade o relacionamento entre estes trequinhos; torna-se necessário adquirir a capacidade de observar uma ideia ziguezagueando seu próprio caminho através de um grupo. Não sei de onde a ideia partiu; não sei para onde vai, mas pode-se observá-la *de passagem*. É nesse ponto em que podemos retornar à prática de análise e de observação de grupos.

[Alguém faz uma pergunta, de conteúdo inaudível.]

Bion: Dor, isso é um fato da existência – não muito diferente de prazer. Penso que necessitamos de uma terminologia na qual não haja palavras específicas e sim concrecências; poderíamos reunir

alguns sentimentos e ideias e ordená-los de alguma maneira. Prazer e dor poderiam ser assim considerados como diferentes extremidades do mesmo espectro.

É fácil ver porque gostamos de obter sentimentos agradáveis e até mesmo acreditar ser possível ter uma sensação agradável por si só. Penso que essa ideia é inútil; temos que supor que ou temos sentimentos, ou não. Se não estivermos dispostos a pagar o inevitável preço da dor, ficaremos restritos a uma situação na qual só nos restará procurar o isolamento. Fisicamente é bem possível: podemos fechar as persianas, desligar a luz, cortar a linha telefônica, parar de ler os jornais e ficarmos em uma situação de completo isolamento – *fisicamente*. Mentalmente, não penso que seja tão fácil. Por exemplo, mesmo se fosse possível voltar ao útero, permanece como muito duvidoso imaginar se isso traria um completo isolamento, pois continua-se vivo. O feto humano vive em ambiente fluido, o líquido amniótico; embriologistas descrevem fossas ópticas e auditivas. Em que ponto tornaram-se funcionais? Não há nenhuma razão para que não sejam funcionais para um feto, visto que mesmo o fluido aquoso é capaz de transmitir pressão. Penso que, em algum momento, o feto pode estar tão submetido a essas mudanças de pressão, de tal modo que, antes ainda da mudança do fluido aquoso para o estado gasoso – o ar, o nascimento – este mesmo feto pode tentar livrar-se de toda aquela pressão.

Penso que seria uma distorção completa da teoria kleiniana sugerir que fetos poderiam recorrer à clivagem de pensamentos, ideias e fantasias, evacuando-os para o líquido amniótico. Mesmo assim, não vejo por que não poderíamos ter tais *phantasias*.² Freud

2 Conservamos o termo, originalmente cunhado por James Strachey, Alix Strachey e Joan Riviere para a primeira versão em inglês da obra de Freud – a única lida e autorizada por ele. O termo “phantasia” serve para assinalar a

disse: “Aprendi a controlar tendências especulativas, seguindo as palavras, hoje esquecidas, de meu mestre, Charcot: observar repetidamente as mesmas coisas, até que comecem a falar por si” (*S. E.* 14, p. 32). Tenho enorme simpatia com tal atitude, mas penso ser um perigo que possamos fazê-lo dispensando aventuras especulativas. Requer-se algum tipo de disciplina.

Parece-me haver remanescentes arcaicos, quando consideramos a curiosa progressão de uma existência piscosa para uma existência anfíbia, rumando-se a partir daí para uma existência mamífera. Um cirurgião diria: “Penso que há um tumor na fenda branquial”. Um resquício, parte arcaica do corpo que pode proliferar-se, torna-se perigosa. Há uma cauda vestigial que produz um tumor, requerendo uma operação. Seria muito bom e sedutor, se esta sobrevivente arcaica – a mente – pudesse ser tão facilmente detectável. Mas... Não é. Não nos parece que estejamos capacitados a sentir o odor de uma mente, de que possamos tocá-la, ou olhá-la; mas estamos cientes de sua existência. Infelizmente, só podemos dizer que talvez estejamos completamente enganados: por sermos estimulados por isto ou aquilo, elaboramos sistemas de paranésias, intrincados sistemas teóricos, pois fica mais rápido e mais bonito ficar capacitado a recair em teorias. Caso eu esteja correto, penso que poderíamos dizer que estamos em nossa infância, até o ponto que toca a vida mental; simplesmente nada sabemos sobre

presença daquilo que Freud definiu como “fantasias inconscientes”; tornou-se útil como discriminação de meras fantasias conscientes, ou devaneios. Assim como outros termos cunhados pelo casal Strachey e Riviere – por exemplo, “id” – “phantasia” acabou sendo utilizada pelo próprio Freud em seus textos. O termo “phantasia” foi respeitado em várias línguas neolatinas, inclusive no Português, até pelo menos os anos de 1990. Embora essa discriminação inicial esteja, atualmente, sendo perdida, o termo foi utilizado por Bion neste livro e em toda sua obra. Em favor de fidedignidade, optamos por mantê-lo. [N.T.]

que desenvolvimento ocorrerá, nem se o desenvolvimento será extinto pela capacidade de nosso magnífico equipamento simiesco – habilitado para produzir fissão nuclear que nos elimine da face da Terra antes de obter maior desenvolvimento.

[Outra pessoa faz uma pergunta, de conteúdo inaudível.]

Bion: Fetos, vivendo em ambiente aquoso, utilizam o sentido do olfato como uma, dentre outras, sondagens à distância. Cações e cavalas, em meio aquoso, podem detectar matéria em decomposição a uma considerável distância. Transportado para um meio gasoso, um indivíduo carrega consigo certa quantidade do meio aquoso – muco, saliva e assim por diante – podendo, portanto, continuar a cheirar o que não esteja completamente desidratado; o meio aquoso, uma vez externo, ficou interno. Alguns permanecem muito sensíveis a isso. Não se gabam por terem a capacidade de cheirar coisas que outros não cheiram: ao contrário, queixam-se amargamente de “catarro nasal”, falando exatamente como se sentissem temerosos em ser afogados pelo seu próprio catarro. Em suma, este “catarro”, que poderia ser um bem, torna-se um revés aterrorizante.

O mesmo se aplicaria a nossos olhos: penso que expõem coisas mesmo na ausência do contato físico e podem até mesmo mostrar coisas que não gostaríamos de olhar... Talvez estejamos tocando em medidas para o desenvolvimento da capacidade mental. Tudo caminha bem, desde que vá de modo mais ou menos inofensivo. Mas... Suponha que se torne algo penetrante: um desenho medieval ilustra uma pessoa enfiando a cabeça dentro de uma espécie de invólucro diamantado, capacitando-se a observar o universo, agora exterior a ela mesma. Se a astronomia realmente capacitou-nos a penetrar no espaço, haveria uma objeção fácil a tal afirmação: uma objeção contra todos estes radiotelescópios e similares, um

desejo para destruí-los, pois tornaram nossa vida muito desconfortável – muito melhor ficar cego e surdo.

O que isso significa? Significa, então: vamos desdenhar X, pois “X é terrivelmente hipocondríaco” – e pronto. Damos graças a Deus, sequer precisamos mais ficar incomodados em seguir adiante? Ou precisaríamos ouvir o que ele diz? Devemos nos expor ao que X tenta comunicar?

Freud nos alertou para que dêssemos atenção aos sonhos. Isso tem longa história – muitos já o haviam dito anteriormente. No entanto, Freud levou isso muito mais adiante, sugerindo ser necessário manter um respeito real por aquilo que vemos, ouvimos e experimentamos quando baixamos a guarda: justamente o estado em que ficamos ao dormir. Pouquíssimas pessoas, quando bem acordadas, mantêm qualquer respeito para com a continuidade provida pelos sonhos. A maior parte das pessoas sequer irá admitir que sonhou: sabe que os demais irão considerar esses sonhos como alucinações ou delírios. Sabemos da existência de certas autoridades em alguns lugares que não medem esforços para calar pessoas, enfiando-as em locais onde podem causar pouco dano – os hospícios. É um futuro que se coloca igualmente diante da psicanálise: perturbar as autoridades e ajudá-las no aprisionamento da mente humana para mantê-la em condição inofensiva. De certa forma, sentimos que tudo isso vai bem para pessoas como Picasso ou Soljenítsin – foram grandes homens, e foi razoável que eles tolerassem esse tipo de coisa. No entanto, é estranho pensar que nós, com as nossas capacidades comuns, precisaríamos nos opor a tudo isso para apoiar um movimento pró-liberdade da mente; um movimento que poderia ajudar a desenvolver e descobrir regras para nutrição mental. Como alimentar a mente de tal modo que essa mesma mente possa se desenvolver, não ficar envenenada?

Tudo isso fica facilmente discernível quando se trata de administrar qualquer tipo de drogas – álcool, soporíferos e assim por diante. Não fica tão fácil saber quais *ideias* são soporíferas, quais *ideias* são venenosas, e se nós, como analistas, não estamos promovendo o desenvolvimento de métodos que tornariam o pensamento impossível.

André Green chamou minha atenção para o enunciado: “*La réponse est le malheur de la question*” [“A resposta é a doença, o infortúnio, da pergunta”]: Maurice Blanchot (1907-2003), *L’Entretien Infini*]. Em outras palavras: respostas constituem-se como algo que pode acabar com a curiosidade – de modo insuperável. Caso alguém fique minimamente curioso, pode-se enfiar-lhe uma resposta goela abaixo, ou dentro de seus ouvidos. Isso há de eliminar qualquer prosseguimento no pensar desse alguém.

[*Outra pessoa faz uma pergunta, de conteúdo inaudível.*]

Bion: Tenho uma impressão sobre a moralidade: trata-se de algo básico. Fiquei impactado pelo fato de que, ao ter emitido um ruído levemente desaprovador, fiz com que uma criança tenha se intimidado, como se algo muito terrível tivesse acontecido. Não tive nenhum sentimento de que houvesse qualquer ideia consciente sobre ter ocorrido algum tipo de crime; na verdade, a melhor aproximação que consegui ter sobre isso veio de um enunciado de Melanie Klein: “ansiedade livremente flutuante”. Trata-se de ansiedade sem qualquer conceito ligado – de tal modo, que penso que a criancinha em crescimento faz o melhor possível para encontrar um crime que se ajuste ao sentimento. Assim, nada há que impeça de fazer-se racionalizações; não haverá qualquer constrangimento em se entreter com sentimentos racionais que permitam considerar alguém como criminoso, ou de julgar a si mesmo como tal. Quando o ruim fica ainda pior, a pessoa sempre poderá cometer um crime para fazer jus ao sentimento, de modo que a morali-

dade irá realmente precipitar o crime, numa espécie de tentativa terapêutica; a pessoa em questão poderá pensar: “Posso me sentir culpado, quem não se sentiria assim? Olha o que fiz”. Na realidade, penso que alguém pode realmente cometer um assassinato, a fim de ser capaz de sentir que os seus sentimentos de culpa assassinos são ao menos racionais. Isso significa apenas que o assim chamado evento racional nada mais é do que algo que somos capazes de compreender de acordo com nossas regras de lógica. É uma questão referente às limitações humanas – não tem nada a ver com o universo em que vivemos. Outro problema é que o sentimento de culpa pode ser tão grande que a pessoa em questão tentará livrar-se dele, tentará adotar uma espécie de teoria ou ideia absolutamente amoral que o abarque.

[*Outra pessoa faz uma pergunta, cujo conteúdo também ficou inaudível.*]

Bion: Quase todas as pessoas foram ensinadas a preocuparem-se e interessarem-se pelos seus semelhantes. Isso também pode se constituir como mais um estratagema aprendido no decorrer de uma vida – o *imitar* uma pessoa amorosa e carinhosa substitui o *tornar-se* amoroso e carinhoso. Trata-se de uma dentre as várias soluções que põem fim ao crescimento e desenvolvimento.

Em análise, temos que dar atenção à situação na qual um paciente fala de forma muito clara, muito compreensível, sobre suas preocupações para com esta ou aquela causa, ou instituição. Em situações grosseiras, fica fácil de perceber – sim, o paciente está extremamente preocupado com as pessoas infelizes que estão em algum lugar distante (não há o menor risco de sentir-se obrigado a agir de alguma forma). E então ficamos desconfiados de que o paciente age como uma pessoa preocupada, exatamente como um médico, como um analista – e assim por diante. Mas em algum

momento pode tornar-se clara certa mudança: o paciente de fato está incomodado e preocupado com alguma coisa pela qual ele *pode* fazer algo. Nesse momento, torna-se importante poder assinalar esta observação para o paciente: embora ele esteja falando do mesmo jeito que falou ontem, ou na semana passada, ou no ano passado, soa algo diferente. Claro, não se quer fazer lisonjas, mas o paciente provavelmente acreditará haver sugestões de melhora quando se diz algo desse tipo.

[Outra pessoa faz uma pergunta, de conteúdo inaudível.]

Bion: No curso da experiência analítica, ocorre uma mudança, e podemos dizer: “Penso que o senhor (ou senhora), nesse momento, sente que *é* o pai (ou a mãe)”. Algo que parece ser totalmente plausível para alguém que conte com cerca de vinte ou quarenta anos, mas pode ser mais difícil enxergar uma criança de seis ou sete anos sentindo-se realmente uma mãe – coisa que talvez só não tenha ocorrido de fato por impedimento biológico, por imaturidade sexual orgânica. Mais tarde, no entanto, o desenvolvimento emocional da maturidade sexual e de sentimentos maternos reais podem ser sentidos como tendo aparecido precocemente, fora da fase; a criança passa, então, a odiar esses sentimentos maternos: não há chance dela se tornar mãe – só lhe resta seguir em frente vivendo mais dez, doze, quinze anos, antes de ter filhos. Dessa forma, no momento em que essa pessoa realmente maternal tiver um bebê, terá perdido a atração pela maternidade, ficando farta dessa condição. O ser humano é uma criatura muito falha. A dificuldade ou o problema é que não há mais ninguém que possa fazer algo a respeito, exceto nós mesmos.

[Outra pessoa faz uma pergunta, de conteúdo inaudível.]

Bion: Um indivíduo tem que viver em seu próprio corpo, e seu corpo tem que tolerar a presença de uma mente vivendo dentro

dele. Em certo sentido, o procedimento analítico, se eficaz, pode trazer para esses dois algum tipo de harmonia. Penso ser fundamental que a pessoa em questão seja capaz de estar em contato consigo mesma – um bom contato no sentido de tolerante, mas também no sentido de saber quão horrível se pensa que se é, ou que seus sentimentos são, ou que tipo de pessoa se é. Deve haver algum tipo de tolerância entre os dois pontos de vista que vivem juntos no mesmo corpo. Parece-me ser pré-condição para uma possibilidade de se estender isso para algo externo a nós mesmos, para uma situação em que, se pudermos tolerar a nós mesmos, como um pai ou uma mãe, poderemos tolerar nosso par, que poderá ser o outro integrante do casal parental. Torna-se mais fácil encontrar um pai ou mãe para nossos filhos, e também um marido ou esposa.

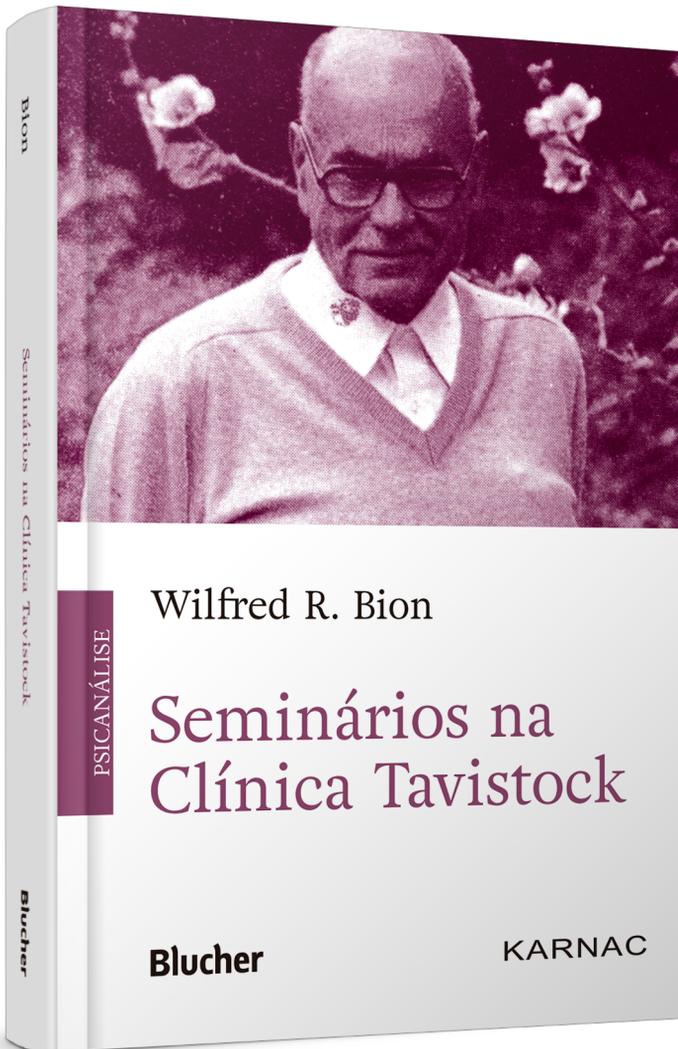
Como disse, penso ser fundamental entrar em contato consigo mesmo... Gastam-se muitos anos tentando ficar “moralmente” melhor, tentando não sermos meninos travessos ou meninas revoltadas – dificilmente alguém poderia dizer, “Estou tentando não ser um feto horroroso”. Assim, por mais que se tente evacuar ou dar luz a todas estas características horríveis para que reste apenas a pessoa ideal, é necessário chegar a um ponto em que se consiga tolerar a convivência consigo próprio, um estágio preliminar à condição em que se consegue tolerar viver com outra pessoa, o que possibilitará alcançar uma completude, permitindo que se cumpra a função biológica na qual a unidade tem que constituir um casal.

[Outra pessoa faz uma pergunta, de conteúdo inaudível.]

Bion: Tivemos um programa maravilhoso em Northfield – uma situação magnífica – podia-se saber onde qualquer pessoa estaria, em qualquer hora do dia, ou da noite – desde que não se fosse dar uma olhada. Lembro-me de reunir algumas pessoas em vestes militares, varrendo as enfermarias, e de ter-lhes dito: “Vamos lá, para

dar uma olhada”. Fomos à carpintaria – que estava fechada. Fomos a outro lugar – que também não estava funcionando, pois o pessoal estava em vestes militares. Não havia sequer um único departamento nesse maravilhoso programa que estivesse funcionando.

A tendência será eliminar todas essas fases intermediárias, estabelecendo uma posição de autoridade. Em seguida, conformar essa autoridade, a guisa de acréscimo para um tipo de invólucro invulnerável. Nenhuma ideia poderá penetrar em tal autoridade: nenhuma ideia pode penetrar em tal invólucro cercando uma personalidade; ou um grupo; ou uma comunidade. Nada menos do que uma revolução, nada menos do que violência poderia quebrar o invólucro, liberando as pessoas dentro dele. Em função disto, por vezes afirmo que instituições são algo morto: pode-se sempre obedecer a regras e procedimentos; pode-se flexibilizar regras, alterando-as para acomodar o crescimento interno à instituição. Mas instituições são sempre compostas por pessoas – aqui reside um problema: o invólucro pode ser tão espesso que ninguém poderá desenvolver-se dentro dele.



Clique aqui e:

[Veja na loja](#)

Seminários na Clínica Tavistock

Wilfred R. Bion

ISBN: 9788521211006

Páginas: 176

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2018